

AGRICULTURA CAMPONESA, SOBERANIA ALIMENTAR E RESISTÊNCIA NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

Peasant agriculture, food sovereignty and resistance in the capitalist production mode

Carlitos Romão Tomé¹

Kálita Cristina Cunha Silva²

Thálita Cristina Cunha Silva³

RESUMO

Este trabalho mostra como se estrutura a economia camponesa nas interfaces com a economia de mercado, bem como sua estratégia de resistência frente as políticas de exploração agroindustrial. Revela que a participação camponesa nos mercados circundantes emerge como estratégia de complementaridade das suas atividades para o acesso aos serviços e produtos por si não produzidos, e, desta forma, articulam aspectos econômicos mercantis ao seu modo de vida.

Palavras-chaves: Economia Camponesa; Economia de Mercado; Campesinato.

INTRODUÇÃO

O Cerrado é um território, desde a invasão imperialista europeia, projetado em uma perspectiva liberal que ignorou a existência da diversidade dos povos habitantes e sua cultura camponesa. Este processo foi acompanhado pela crença de um fim às formas de organização camponesa pelo capital que transformaria o produtor rural em um mero proletariado. Mesmo com a Constituição de 1988 que estabelece o princípio geral da reforma agrária, prevalece a relativa marginalização dos camponeses pelas políticas de exploração agroindustrial. Embora subalternizados com as políticas mercantis, esses povos, agora por meio dos movimentos sociais, resistem à sua proletarianização em defesa da sua cultura camponesa no campo cerrado (Martins, 2010).

Este trabalho propõe-se a discutir sobre a estrutura societária dos camponeses no modo de produção capitalista e suas estratégias de resistência frente as políticas que os subalternizam no meio rural. Para tanto, foi realizado o trabalho de campo no Acampamento Dom Tomás Balduino de Formosa, com recurso a entrevistas e rodas de conversas com os

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História, na Universidade Estadual de Goiás (PPGHIS/UEG). Graduado em Antropologia pela Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Moçambique. E-mail: carlitostome20@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6156752030632224>.

² Graduada e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) na Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: kallitacristinago@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5590459622792207>.

³ Graduada e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) na Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: thallitacristinago@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4900369046450644>.

camponeses e membros integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), caminhada transversal, registro fotográfico, observação direta e revisão literária básica relativa ao tema. Espera-se contribuir para o debate do campesinato e oferecer instrumentos de análise ao sistema jurídico, que baseado em dados concretos, possa equacionar as políticas de reforma agrária contemporânea que considerem as especificidades e generalidades dos camponeses enquanto classe social na luta pela terra.

ECONOMIA CAMPONESA NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

A economia camponesa nas interfaces com a economia de mercado pode ser descrita a partir da ausência dos instrumentos de trabalho, de consumo e a necessidade de complementar produtos por si não produzidos no interior da comunidade. Tal situação leva os produtores rurais a recorrer aos mercados para a venda dos seus excedentes e comprar o que lhes falta. Por outro lado, constata-se a existência de agricultores rurais que recorrem aos trabalhos extras, isto é, fora do acampamento, ao mesmo tempo que preservam seus laços com a terra e resistem sujeição ao mercado.

A combinação de atividades de campo e cidade, confirma as análises que defendem a inserção e a permanente autonomia da economia camponesa no modo de produção capitalista. Shanin (2005) menciona a detenção dos meios de produção capitalista familiares sem a criação do proletariado. Em sua tese, os camponeses persistem, ao mesmo tempo que se transformam e se vinculam gradualmente à economia capitalista circundante, que pervade suas vidas. Eles continuam a existir correspondendo a unidades agrícolas diferentes, ainda que servem ao desenvolvimento capitalista, em um sentido menos direto, um tipo de acumulação primitiva permanente oferecendo mão-de-obra barata.

De fato, a estrutura agrária presente no Acampamento contrapõe às crenças de que o capitalismo levaria ao fim à todas as formas alternativas de vida diversas, dada a crescente recamponesação no âmbito da reforma agrária no Brasil, país não obstante capitalista. A este respeito, o campesinato encontra-se em estado de consciência de classe para si e a capacidade de resistência camponesa frente à ordem econômica hegemônica, articulando aspectos econômicos macros ao seu modo de vida. Conforme referiu a Sr^a Madalena:

A comida que nós come é produzida aqui no acampamento. Tem outra que nós compra no mercado, como arroz, óleo, feijão, porque nós não consegue produzir. Nós vendemos o que nós produz e compra coisa que nós quer aqui. Por isso, é bom quando tem cliente para comprar.

O exposto compartilhado no Acampamento, particulariza o modo de produção camponesa, ao mesmo tempo que reconhece a exploração mercantil e, portanto, que insere em um sistema econômico que coexiste com ele. Ademais, revela a demanda do crédito e da circulação da mercadoria – exploração doméstica versus exploração baseada em trabalho proletariado. Vale salientar que o limite da reprodução camponesa é a provisão de um fundo de subsistência definido culturalmente. Ou seja, a economia camponesa é regulada segundo as necessidades de produção internas.

Truyen (2020) refere da diferenciação das famílias camponesas em três categorias, em função das atividades econômicas domésticas. (i) famílias agrárias, que vendem ocasionalmente seu trabalho; (ii) famílias mistas, que articulam, concomitantemente, atividades

agropecuárias e atividades não agrícolas irregulares, tais como comércio, o artesanato e os serviços; (iii) famílias não agrícolas, que praticam uma atividade não agrícola específica, conservando ao mesmo tempo seu acesso às terras agrícolas, da mesma forma que os outros tipos de famílias.

Contudo, os camponeses são por tradição pequenos produtores dispostos a vender produto do seu trabalho e comprar o que lhes convém. Porém, eles resistem a vender sua força de trabalho ou perder sua autonomia e converter-se em proletariado. No entanto, a persistência da propriedade comunal não supõe negar a participação nos mercados e inovação tecnológica nos campos agrícolas.

Carvalho (2016) estabelece considerações explícitas no realce à autonomia camponesa. Advoga a visão de que ela se realiza na base de aquisição de recursos autogerenciada pela família, concomitante, na interação auto-suficiente com os mercados a não depender do padrão das políticas econômicas hegemônicas. Nesse processo, a conquista da terra se constitui a condição primária nos movimentos de reforma agrária.

CARACTERIZANDO ECONOMIA CAMPONESA NO ACAMPAMENTO DOM TOMÁS BALDUÍNO

A economia camponesa pode ser expressa na luta pela terra e na busca de alternativas sustentáveis de produção. Sob essa ótica, conforme Zart (2011, p. 27) "A economia camponesa é um modo de vida no campo que vai além da agricultura, que por sua vez requer tecnologias de produção que atendam as especificidades que caracterizam a produção do campo". No contexto do Acampamento Dom Tomás Balduino, essa realidade pode ser visualizada nas práticas que tem por finalidade garantir uma organização coletiva e uma economia fundamentada na cooperação, correlacionadas à ideia de solidariedade econômica.

A produção no Acampamento Dom Tomás Balduino envolve, especialmente, a agricultura, com ênfase para o cultivo de hortaliças, além de algumas frutas e verduras, como banana, tomate e cenoura, etc. A diversificação da produção agrícola visa atender às necessidades locais e promover a soberania alimentar. Juntamente com a agricultura, existe também uma pequena criação de animais, como galinhas, vacas, porcos, entre outros, que colaboram para o sustento das famílias.

Dessa maneira, a produção camponesa é direcionada, em grande parte, para o autoconsumo. Entretanto, também há a comercializações de excedentes, o que permite gerar uma fonte de renda extra. Portanto, pode-se notar que que essa dinâmica estimula uma economia solidária e coletiva, além de priorizarem as práticas de cultivo sustentáveis para o meio ambiente sob ameaça do modo de produção industrial que caracteriza o Cerrado.

PROBLEMAS QUE AFETAM OS PRODUTORES RURAIS

Durante a modernização conservadora, o capital financeiro exerceu forte influência na agricultura brasileira. O Estado facilitou a integração de capitais nos complexos agroindustriais, atuando assim como regulador e financiador (Delgado, 2020). Pode-se observar que a desigualdade social resulta na exclusão de indivíduos que não se enquadram na dinâmica do processo de modernização, o que os colocam em situação de dificuldades, em razão da negação do Estado e da intensa concentração e centralização do capital.

O agronegócio fortalece o sistema capitalista, que, por sua vez, gera disputas territoriais, conflitos de classe e disputas pela terra, em oposição aos latifúndios e ao monopólio fundiário. Sob esse contexto, considera-se:

A necessidade vital do alimento gera trabalho, cooperação, formas de solidariedade, de observação do clima, da terra e das plantas. A necessidade do alimento gera a necessidade do saber, um se funde no outro. No capitalismo, contudo, fomenta a luta de classes, induz ao monopólio da terra, institui regimes de subordinação. Coloca-se, então, como uma questão espacial e política (Chaveiro, 2020, p. 2).

Portanto, nessa perspectiva o autor enfatiza o aumento da produção de alimentos, baseado em inovações científicas e tecnológicas. Para ampliar as atividades agrícolas, é essencial dispor de recursos adequados. No Acampamento Dom Tomás Balduino, o cultivo é realizado com o uso de adubo e esterco bovino, provenientes de fazendas locais. Além disso, a ausência de uma tecnologia agrícola, evidencia existência de desigualdades sociais reproduzidas pelo sistema capitalista apoiado pelo Estado.

Ademais, relatos dos trabalhadores rurais no Acampamento Dom Tomás Balduino se referem a marginalização do setor familiar, que vai desde a repressão policial, dos fazendeiros na luta pela terra. Se referem ainda da violência institucional e simbólica no campo. Contudo, a permanência e resistência camponesa, diante desses atos violentos, reafirmam as relações de poder no Cerrado, conforme as constatações de Silva (2021). Para Silva (2021), o Acampamento Dom Tomás Balduino é um território dissidente porque não apenas desafia a ordem econômica hegemônica histórica, como também reestrutura as práticas espaciais, por meio da agrobiodiversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A economia camponesa no Acampamento Dom Tomás Balduino revela a persistência de valores dos povos tradicionais frente a economia de mercado. Em contraste a economia capitalista, a estrutura societária releva o sentido da terra bem-comum, onde engendram relações de produção familiares por meio de associações agrícolas baseadas nas práticas agroecológicas tradicionais. Sem perder sua soberania alimentar, a participação nos mercados circundantes emerge como estratégia de complementaridade de suas atividades visando o acesso aos serviços e produtos por si não produzidos, articulando elementos econômicos mercantis vários na sua inserção.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Horácio Martins de. O Camponato contemporâneo como modo de produção e como modo classe social. In: STEDILE, João Pedro (org). **A Questão agrária no Brasil: interpretações sobre o camponês e o camponato**. São Paulo: Expressão Popular, 2016, p. 153-218.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. **A hegemonia predatória e a produção de alimentos: o contraponto da saúde**. Laboter - Iesa, 2020. Texto no prelo.
- DELGADO, Guilherme. Questão agrária e capital financeiro na agricultura familiar. **Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, Dossiê “Conjuntura no Brasil: retrocessos sociais e ações de resistência**, n. 42, v. 4, p. 286-305, 2020.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo: Contexto, 2010.

SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista. **Revista Nera**, v. 8, n. 7. P. 1-21, 2005.

SILVA, Edson Batista. Acampamento Produtivo Dom Tomás Balduino em Formosa-GO: promessas não cumpridas, camponeses(as) à contrapelo. **Campo Território: Revista de Geografia Agrária**, v. 16, n. 40, p. 212-237, 2021.

TRUYEN, Nguyen Duc. A reforma agrária no Vietnã. *In*: STEDILE, João (org.). **Experiências Históricas de Reforma Agrária no Mundo**. São Paulo: Expressão Popular, 2020, p. 239-255.

ZART, Laudemir Luiz. Economia Camponesa. *In*: ZART, Laudemir Luiz. **Educação do Campo: formação e desenvolvimento comunitário**. Caderno Pedagógico, p. 18-21, 2011.